

## GAMAL ABDEL NASSER: CAMPEÃO DO PAN-ARABISMO

Quando Nasser faleceu no dia 28 de Setembro de 1970, Israel ocupava território egípcio como consequência da Guerra dos Seis Dias ocorrida em Junho de 1967. Se a este facto juntarmos a profunda crise económica e social que afectava o Egipto ou a prática habitual de políticas repressivas sobre os seus reais ou potenciais adversários políticos, então os 16 anos (1954-1970) em que Gamal Abdel Nasser foi líder incontestável do Egipto podem ser caracterizados como um fracasso de proporções assinaláveis<sup>1</sup>. O testemunho mais óbvio do seu insucesso, depois de na segunda metade da década de 1950 ter emergido como um líder particularmente bem sucedido aos olhos de aliados e apoiantes – e ameaçador para os adversários e inimigos –, foi o facto de o seu sucessor, Anwar Sadat, ter recusado prosseguir muitas das políticas acarinhadas por Nasser. Por exemplo, e ao contrário de Nasser, Sadat apressou-se a ligar os destinos do Egipto aos dos EUA, de quem passaria a ser importante aliado no Médio Oriente.

Nasser nasceu a 16 de Janeiro de 1918. Apesar de neto de comerciantes abastados por parte da mãe e de um funcionário de correios bem pago para os padrões da época, foi aos sete anos de idade enviado para o Cairo onde veio a ser criado por um tio. Na capital do Egipto, em Novembro de 1935, teve a sua aprendizagem política. Estudante numa escola reconhecida pelo seu nacionalismo activista, participou numa manifestação que lhe proporcionou

os primeiros ferimentos após o confronto entre manifestantes e tropas britânicas. Em Março de 1937 iniciou a frequência da Academia Militar egípcia, aberta pela primeira vez a jovens da classe média como consequência do Tratado Anglo-Egípcio celebrado no ano anterior. Foi ali que conheceu um grupo de jovens militares que com ele protagonizaram o golpe que, a 23 de Julho de 1952, depôs o rei Farouk. Vários acontecimentos marcaram a vida e a atitude destes homens a partir da década de 1930. Presenciaram a interferência britânica na vida política egípcia durante a II Guerra Mundial, adiando uma vez mais a tão desejada independência do Egipto, ao mesmo tempo que se deslumbraram com o exemplo dado por governos autoritários, seculares e nacionalistas no Centro da Europa no decurso da década de 1930 e nos anos da guerra, e, antes disso, com o programa e os resultados do kemalismo na Turquia. Depois da guerra acharam-se uma vez mais vítimas do imperialismo. As potências não-árabes apoiaram a criação de um Estado palestino árabe e judeu e, imediatamente a seguir, na mesma Palestina, acabaram por reconhecer a existência de um Estado exclusivamente judeu. Também viveram e perderam em 1948-1949 uma guerra em que uma coligação de monarquias árabes procurou impedir militarmente a criação do Estado de Israel. Nessa altura, Nasser viveu a humilhação de ver tropas por si comandadas cercadas por israelitas em Faluja. Se a estes acontecimentos juntarmos o atraso económico, as desigualdades sociais e a aparente ou real ineficácia política da monarquia egípcia encabeçada por um rei tido por muitos

como inepto e corrupto, compreende-se que, em 1952, cerca de seis meses após uma violenta e extemporânea intervenção militar britânica na vida política egípcia, estes jovens militares tenham decidido apoderar-se da governação.

Foi a retórica de uma rotura com um passado colonial recente e humilhante, cuja maior expressão era a existência de um Estado judaico na Palestina, assim como as promessas de execução de medidas radicais no domínio político, social e económico, que alimentaram o apoio popular de que o coronel Nasser e o nasserismo beneficiaram desde 1954, quando o filho de um obscuro funcionário dos correios consolidou o seu poder ao afastar o antigo líder da ordem política saída da revolução de 1952, o general Muhamed Naguib. Sublinhe-se que embora os laivos de democracia existentes tenham sido esmagados pelos militares golpistas, a nova ordem contou com forte apoio popular que resultou de uma política de reformismo social com forte pendor nacionalista e até fascista: reforma agrária – timidamente executada – com o objectivo de suprimir os latifúndios e aumentar ou proporcionar rendimento aos pequenos agricultores e, ao mesmo tempo, criar condições para o arranque da industrialização. Subida do valor dos salários mais baixos e encorajamento de formação de sindicatos que, no entanto, deveriam organizar-se segundo o modelo corporativo, prevenindo assim qualquer acção independente por parte dos trabalhadores. E se os partidos políticos foram abolidos, não deixando saudades ao egípcio comum, que os associava à miséria e à «opressão monárquica» e «oci-

dental», já a repressão exercida em meios religiosos minaria a prazo muito profundamente a sustentabilidade do nasserismo (a chegada de Nasser ao topo do poder egípcio coincidiu, por exemplo, com a violenta repressão da Irmandade Muçulmana).

Em Outubro de 1954, depois de ter afastado Naguib do poder, Nasser celebrou com o Reino Unido um tratado que estipulava a retirada das tropas de Sua Majestade da zona do canal para Junho de 1956. Este facto, tal como a retórica utilizada por Nasser, o seu estilo político e carisma pessoal – Nasser dirigia-se aos egípcios não em árabe, que não percebiam, mas em egípcio «coloquial» –, o seu populismo e o seu nacionalismo exacerbado (transformando-o no rosto do «pan-arabismo» e em figura cimeira do movimento dos «não-alinhados»), a defesa que fez da «causa» do povo palestino contra Israel, tornaram-no nas vésperas da crise do Suez no mais popular líder da história do Egipto moderno. Isto apesar de em 1952 e 1953, e mesmo antes, ter sido um defensor e, já depois do golpe militar de 1952, o responsável por «supervisionar» os contactos políticos secretos estabelecidos entre as novas autoridades egípcias e o Governo israelita e cujo verdadeiro significado é ainda discutível.

Quando a 26 de Julho de 1956 proclamou a nacionalização do canal de Suez, para dessa forma conseguir as receitas necessárias para a construção da barragem de Assuão – depois de os EUA terem recusado financiar o projecto –, Nasser desencadeou uma série de acontecimentos que conduziram ao deflagrar de uma guerra que não desejava nem previu. Envolvendo, além do Egipto,

Israel, França e Reino Unido, o conflito alterou o equilíbrio de poderes na região. Apesar de derrotado militarmente, o Egito conseguiu uma vitória política imediata em toda a linha. A condenação norte-americana da operação militar de ocupação do canal por franceses e britânicos, a par de uma crítica generalizada por parte da comunidade internacional daquela que era a natureza e os objectivos da operação tripartida, não apenas garantiram que se confirmassem os objectivos iniciais da nacionalização daquela estrutura naval e económica, mas, sobretudo, que demonstrasse à generalidade dos egípcios, dos árabes e dos povos colonizados que era possível derrotar o «imperialismo» ocidental.

Nos anos subsequentes, Nasser não foi capaz de capitalizar a vitória de 1956. A criação da República Árabe Unida (agregando Síria e Egito), a aproximação ao bloco soviético e aos não-alinhados, o afrontamento de Israel e dos EUA, o irrealismo de uma política económica que

não produziu resultados visíveis para a generalidade dos egípcios, a incapacidade de se tornar no líder incontestado do mundo árabe – enfrentando forte oposição e contestação no Líbano, no Iraque e na Jordânia e incapaz de evitar o desmembramento da República Árabe Unida em 1961, o envolvimento na guerra civil no Iémen – tornaram a década de 1960 verdadeiramente penosa para Nasser, para o Egito e o pan-arabismo. Em 1967, após a derrota na Guerra dos Seis Dias, resignou. Os seus partidários imediatamente organizaram uma manifestação «espontânea» de apoio pedindo-lhe que continuasse. Acedeu. Veio a morrer em 1970 transformado numa caricatura daquilo que tinha sido dez ou quinze anos antes. Mesmo assim foi o mais popular e carismático líder do mundo árabe, laico, socialista e nacionalista. Teve vários imitadores, sobretudo na Síria e no Iraque – o mais famoso e grotesco chamou-se Saddam Hussein.

■ FERNANDO MARTINS

## NOTAS

<sup>1</sup> Sobre Nasser, cf. LACOUTURE, Jean – *Nasser*. Paris: Éditions du Seuil, 1971. O nacionalismo árabe no século XX pode ser estudado em DAWISHA, Adeed – *Arab Nationalism in the Twentieth Century: From Triumph to Despair*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2003. Salim Yaqub

examinou a resposta americana a esse fenómeno em *Containing Arab Nationalism: The Eisenhower Doctrine and the Middle East*. Chapel Hill e Londres: The University of North Carolina Press, 2004. Acerca do mais intratável conflito da região, cf. SHLAIM, Avi – *Iron Wall. Israel and the Arab World*. Londres:

Penguin Books, 2001. As várias dimensões da crise do Suez são analisadas em LOUIS, Wm. Roger, e OWEN, Roger (eds.) – *Suez 1956. The Crisis and its Consequences*. Oxford: Clarendon Press, 1989.